



(X) Prática Educativa

EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E DISCURSOS DE ÓDIO: Reflexões Críticas sobre Modernidade Líquida e Redes Sociais na Prática Escolar

Luiz Martins Netto ¹
d202310931@uftm.edu.br

Pedro Dias Mangolini Neves²
pedroneves@edu.uberabadigital.com.br

Kaio Vinício Pereira Dias ³
d202511311@uftm.edu.br

Resumo

A educação nos tempos atuais é atravessada por desafios complexos, que exigem da escola uma postura ativa diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas que impactam a formação cidadã. Este artigo apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do 9º ano do ensino fundamental, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), voltada à problematização de temas como modernidade líquida, redes sociais e a disseminação de discursos de ódio com o objetivo de promover o uso crítico das redes sociais e desenvolver habilidades socioemocionais de convívios sociais. O referencial teórico fundamenta-se em Bauman (2004), ao abordar a fluidez e a fragilidade dos vínculos na modernidade; em Recuero (2014) e Castells (2003), que analisam a centralidade das redes sociais na reconfiguração das interações sociais; e em Souza (2017), que denuncia as dimensões simbólicas e morais das desigualdades brasileiras. A metodologia baseou-se em rodas de conversa e debates que valorizaram a escuta ativa dos estudantes e a articulação entre teoria e prática. Os resultados evidenciam que a abordagem favoreceu o engajamento discente na análise crítica de preconceitos e práticas discriminatórias presentes no espaço digital e nas relações cotidianas. Conclui-se que práticas pedagógicas críticas e dialógicas são essenciais para a construção de uma educação emancipadora, capaz de enfrentar discursos de ódio e promover a valorização da diversidade.

Palavras-chave: modernidade líquida; redes sociais; discurso de ódio.

Introdução

A contemporaneidade é marcada por intensas transformações sociais, econômicas e culturais impulsionadas pela globalização e pelas tecnologias digitais. As redes sociais emergem como um espaço ambivalente: ao mesmo tempo em que possibilitam novas formas de interação, também se configuram como ambientes de disseminação de discursos de ódio,

¹ Licenciatura em Geografia pela UFTM. Bolsista do PIBID Geografia/UFTM. (Agradecimento especial à bolsa da CAPES pelo incentivo ao PIBID).

² Doutor em Geografia pela UFG. Professor de Geografia da Escola Municipal Uberaba. Supervisor do PIBID Geografia/UFTM. (Agradecimento especial à bolsa da CAPES pelo incentivo ao PIBID).

³ Licenciatura em Geografia pela UFTM. Bolsista do PIBID Geografia/UFTM. (Agradecimento especial à bolsa da CAPES pelo incentivo ao PIBID).



preconceito e violência simbólica. A escola, nesse cenário, assume a responsabilidade de formar sujeitos capazes de compreender criticamente tais fenômenos e de atuar de maneira ética e cidadã.

Este artigo apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do 9º ano de uma escola de Uberaba-MG, no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O projeto buscou problematizar conceitos como modernidade líquida (Bauman, 2004), redes sociais (Recuero, 2014; Castells, 2003) e discurso de ódio (Souza, 2017), aproximando-os das vivências cotidianas dos alunos.

O objetivo central é analisar como práticas pedagógicas críticas podem contribuir para o enfrentamento de preconceitos e violências simbólicas, ao mesmo tempo em que promovem reflexões sobre as relações sociais na sociedade contemporânea. A justificativa reside na compreensão de que a escola não deve restringir-se à transmissão de conteúdos, mas atuar como espaço de formação crítica, capaz de dialogar com as complexidades do mundo atual e de fomentar práticas de resistência às desigualdades.

A modernidade líquida em tempos de redes sociais

Bauman (2004, p. 12) caracteriza a modernidade líquida como um período histórico em que as relações sociais se tornaram frágeis e voláteis. Segundo o autor, “as relações escorregam por entre os dedos como fluidos, incapazes de manter forma ou consistência”. Essa liquidez manifesta-se na dificuldade de estabelecer vínculos duradouros, na efemeridade dos laços afetivos e na sensação de instabilidade que perpassa as interações sociais.

As redes sociais digitais, nesse contexto, intensificam tais características. Para Recuero (2014), elas constituem espaços de sociabilidade mediados pela tecnologia, onde relações são criadas, fortalecidas ou rompidas em alta velocidade. Castells (2003) destaca que a sociedade em rede reconfigura a comunicação, a política e as práticas culturais, permitindo tanto a democratização de vozes quanto a amplificação de discursos extremistas.

O discurso de ódio, por sua vez, ganha força nesse ambiente. Souza (2017) argumenta que a desigualdade brasileira é legitimada por hierarquias morais que classificam grupos sociais como “subgente”. Essa naturalização da exclusão cria terreno fértil para a propagação de mensagens violentas, preconceituosas e discriminatórias. Nesse sentido, a escola é chamada a



intervir criticamente, oferecendo aos estudantes ferramentas teóricas e éticas para resistir a tais práticas e para compreender as estruturas sociais que as sustentam.

A atividade pedagógica desenvolvida com os estudantes, ao articular conceitos como modernidade líquida, redes sociais e discurso de ódio, mostrou-se fundamental para que os alunos compreendessem criticamente como tais fenômenos estão interligados. Ao refletirem sobre suas próprias experiências digitais, os estudantes puderam reconhecer as implicações éticas e sociais de suas ações nas redes e perceber que, assim como podem ser vítimas de discursos de ódio, também são capazes de combatê-los por meio de práticas responsáveis e solidárias. Essa abordagem reforça o papel da escola como espaço de formação crítica e cidadã, capaz de preparar jovens para atuar eticamente em um mundo marcado pela complexidade das interações sociais e digitais.

Metodologia

A experiência pedagógica foi desenvolvida com três turmas do 9º ano do ensino fundamental. A metodologia adotada priorizou estratégias dialógicas e participativas, sendo expositiva dialogada nos temas gerais, e posteriormente houveram rodas de conversas, evitando a centralidade da exposição tradicional e privilegiando a escuta ativa dos estudantes. As atividades foram organizadas em três eixos temáticos:

A discussão geográfica sobre Globalização atravessa questões sobre nacionalismo, redes sociais e discurso de ódio, que podem se trabalhados de forma teórica, com conceitos que parecem aos alunos um tanto abstratos. Destarte, foi trabalhado tais conceitos científico por meio dos conceitos cotidianos dos alunos, se utilizando de rodas de conversa como diálogo.

Considerando os conceitos de Modernidade líquida e fragilidade dos vínculos sociais, foram provados os seguintes questionamentos: “Vocês se consideram pessoas líquidas?” e “O que, nas nossas relações, parece ser líquido?”. As discussões abordaram a efemeridade dos laços afetivos e sociais na contemporaneidade, especialmente entre os jovens, que já nascem imersos em um ambiente digital dominado por telas, redes sociais e influenciadores. Foi debatido como muitos adolescentes desenvolvem relações frágeis, mediados por lógicas de consumo, imediatismo e influência virtual.



Além disso, a pesquisa de Oliveira (2017) com adolescentes do Rio de Janeiro revela que 67,56% dos jovens reconhecem que a internet ocupa significativamente seu tempo, justificando que essa imersão virtual frequentemente os afasta do mundo real, dificulta relações interpessoais presenciais e reduz o engajamento em atividades como a leitura. Muitos admitem que a conexão excessiva leva ao isolamento social, à superficialidade nas relações e a uma sensação de perda de noção temporal, corroborando a ideia de que o ambiente digital favorece laços menos duráveis e mais voláteis.

Corroborando com essa questão podemos destacar autores como Turkle (2012) e Bauman (2004) que sustentam a ideia de que a ilusão de companhia constante e a facilidade de “deletar” relações contribuem para uma dinâmica afetiva líquida e descartável, na qual o virtual se sobrepõe ao real.

Por outro lado, o estudo de Cantero *et al.* (2024), que ouviu pais de adolescentes, confirma que há uma percepção familiar sobre os impactos negativos do uso intensivo das redes sociais, incluindo irritabilidade, ansiedade, imediatismo e prejuízos na comunicação intrafamiliar. Os pais relatam que, embora as redes sociais ofereçam oportunidades de conexão e acesso à informação, também exacerbam comportamentos de risco e fragilizam a qualidade das interações face a face. Jenkins (2006, 2009) alerta que o desafio não está apenas no acesso à tecnologia, mas no que ele chama de “vácuo de participação” — a falta de preparo para usar essas ferramentas de modo crítico e criativo. Assim, a educação e a mediação familiar tornam-se essenciais para ajudar os jovens a construírem relações mais autênticas e menos pautadas pela lógica do consumo e da instantaneidade.

No que tange as redes sociais e propagação de discursos de ódio, foram realizados debates e análises de casos reais que abordam fenômenos como racismo, misoginia, homofobia, neonazismo e cyberbullying, evidenciando como as plataformas digitais podem amplificar preconceitos já presentes nos lares e nos círculos sociais.

Em relação à resistência cultural de minorias étnicas discutiu-se a importância das estratégias de afirmação identitária, destacando exemplos de povos como Ciganos, Curdos e Indígenas, além de práticas culturais brasileiras, como a capoeira.



As discussões ocorreram em rodas de conversa, nas quais os alunos foram incentivados a compartilhar experiências pessoais e percepções sobre os temas abordados. Essa metodologia favoreceu o vínculo com as vivências cotidianas, conectando teoria e prática, muito bem teorizado por Paulo Freire, quando destaca que:

[...] preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. (FREIRE, 1996, p. 49).

Dessa forma, a metodologia escolhida foi a Roda de Conversa, citada por Paulo Freire, mas já existente em várias comunidades ameríndias, africanas e asiáticas como apresentada em pesquisa de Dilmar Luiz Lopes (2013), e desenvolvida pelos bolsistas do PIBID juntamente com os alunos em uma troca de experiência, com certa proximidade de faixa etária e de vivências em relação as mídias sociais.

Desenvolvimento e Resultados

Os estudantes demonstraram significativo engajamento nas discussões, especialmente ao relacionar os conceitos de modernidade líquida e discurso de ódio às suas experiências nas redes sociais. Muitos relataram vivências de preconceito, cyberbullying e exclusão, evidenciando a relevância do debate.

As rodas de conversa possibilitaram que os alunos compreendessem a dimensão política e social dos discursos de ódio, identificando como tais práticas contribuem para a manutenção de desigualdades e violências simbólicas. Houve avanços perceptíveis na capacidade de análise crítica, com estudantes passando a questionar comportamentos naturalizados em seu cotidiano digital.

Os alunos compartilharam experiências e desabafos, mostrando que, muitas vezes, os discursos violentos encontrados nas redes refletem o que é vivido em casa. Discutiu-se também como os algoritmos dessas plataformas não são neutros, eles reforçam bolhas de consumo e



reafirmação ideológica, favorecendo a circulação de preconceitos e dificultando a construção de um pensamento crítico. Foi apontado que a escola se torna um dos únicos espaços em que essas visões podem ser confrontadas de forma consciente e dialógica.

Além disso, ao discutir resistência cultural, os alunos reconheceram a importância de valorizar e preservar tradições de minorias sociais, percebendo que tais práticas representam formas de enfrentamento às lógicas de apagamento histórico e cultural.

Considerações finais

A experiência reforça a necessidade de que a escola seja um espaço de formação crítica e emancipadora. Trabalhar conceitos como modernidade líquida, redes sociais e discurso de ódio a partir das vivências dos estudantes mostrou-se uma estratégia potente para ampliar a consciência sobre as dinâmicas sociais e digitais que permeiam a vida cotidiana.

A metodologia adotada – centrada no diálogo e na escuta ativa – contribuiu para a construção de uma aprendizagem significativa, favorecendo a participação dos alunos e estimulando reflexões sobre desigualdades, preconceitos e formas de resistência cultural.

Defende-se, assim, a ampliação de projetos pedagógicos que articulem teoria e prática, explorando a mídia, a arte e o debate social como instrumentos de ensino e aprendizagem. Por conseguinte, ressalta-se que uma educação comprometida com a justiça social e com a diversidade apresenta-se enquanto potente para formar sujeitos capazes de atuar criticamente em uma sociedade cada vez mais líquida e interconectada.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CANTERO, Jamilly Beckhauser. MEURER, Maria Fernanda Macedo. VOGT, Rodrigo Luís. A influência das redes sociais na adolescência: uma análise da perspectiva dos pais de adolescentes, **Revista Contemporânea**, vol. 4, n°. 12, 2024.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa: Paz e Terra, São Paulo, 1996.

JENKINS, Henry. **Confronting the Challenges of Participatory Culture**: media education for 21st century. Chicago, IL: MacArthur Foundation, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. São Paulo: Aleph, 2009.

LOPES, Dilmar Luiz. **Rodas de conversa e educação escolar quilombola**: arte do falar e saber fazer. 2013. 253f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

OLIVEIRA, Eloíza Silva Gomes. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação, **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 283-298, abr./jun. 2017

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TURKLE, Sherry. **Connected, but alone?** 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=t7Xr3AsBEK4>>. Acesso em: agosto, 2025.

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001, pelo integral financiamento do projeto via PIBID, que possibilitou a realização desta pesquisa.